

MODOS DE VIDA

MÁRIO BERNARDO

MODOS DE VIDA

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Mário Ferreira Bernardo

TÍTULO: Modos de Vida

AUTOR: Mário Ferreira Bernardo

REVISÃO, CAPA E PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.^a EDIÇÃO

LISBOA, 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-97424-0-6

DEPÓSITO LEGAL: 331142/11

© MÁRIO FERREIRA BERNARDO

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, porta C — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Prefácio

Quando o meu conterrâneo e amigo Mário Bernardo me pediu este prefácio para o seu livro, para além de surpreendido fiquei embaraçado. Conheço o autor há muitos anos, mas nas suas facetas de advogado, dirigente associativo, cidadão inconformado e homem de identidade bem ligada às nossas raízes beirãs, não como pessoa de vocação especial para a escrita, que escrevesse para a gaveta e um dia uma editora se interessasse pela sua obra, como aconteceu. Se bem que a sua escorreita facilidade de pôr no papel ideias carregadas de emoção, fossem uma característica das suas crónicas nos jornais que tenho dirigido.

Depois esperava vir encontrar uma ou várias histórias sobre alguma das suas experiências nas várias facetas que já descrevi. Mas não. Mário Bernardo surpreende-nos com uma história ficcionada que decorre em espaços onde, creio que ele nunca esteve, mas onde não faltam os mais elementares pormenores para darem autenticidade à compilação e criarem um enredo, onde, como se usa dizer, “as semelhanças com o real são meras coincidências”.

Traz-nos assim um romance cheio de realismo, com alguma ironia, mas muita actualidade. Uma actualidade obscura que o vulgar “politicamente correcto”, não ousa por norma abordar e só costuma vir à luz do dia quando os “escândalos” se tornam notícia de jornal.

A promiscuidade entre poderes, o jogo de influências, a chantagem e o crime económico, são retratados de forma tão real e directa que nos parece “já ter visto isto em algum lado”.

Um primeiro livro e saliento “primeiro”, porque estou convicto que depois deste, o autor não vai ficar por aqui, onde é escalpelizado um lado desconhecido, mas existente na nossa sociedade.

Uma obra que revela ao mesmo tempo o inconformismo e a profunda sensibilidade do autor, numa personalidade nobre, arreigada aos valores da verdade, lealdade, fraternidade e justiça, como é a de Mário Bernardo.

Jorge Henriques Santos
Jornalista

1

Carregava a barriga grande e aguçada sobre duas pernas esquiladas, que terminavam em pés sangrentos de dedos que, disformes, não se distinguiam. Da boca escorria-lhe uma espécie de espuma que o agoniava. Mas não deixava de olhar para o amontoado de lonas e tábuas. A sua casa. Ela está lá e eu tenho fome. “Mãe! Mãe!”

Viu a lona que servia de porta a ondular. A mãe apareceu apoiada, como sempre, na bengala e fincada apenas numa perna como se estivesse a cair.

Ele sorriu, desta vez, não só porque aguardava a comida, mas também não deixou de achar graça à figura da mãe, inclinada para o lado como se fosse estatelar-se a qualquer momento, com um trapo na perna já roto, e com uns fios pendentes que o atavam como se fossem pequenas cobras.

— Josué! O que é que queres? Para quê tanta gritaria? Olha que se acordas o pai, levas com um barrote!

Vida triste, pensava rapidamente Josué. Enquanto se aproximava do amontoado de lonas e tábuas, vieram-lhe à memória as lembranças da cidade, fugazes como relâmpagos.

Tinham ido ao Hospital na semana anterior, mas como não havia médico disponível deram uma volta. Josué arregalava os olhos grandes sempre que se lembrava dos carros que passavam e do cheiro que o levava a apontar o nariz para os restaurantes, aspirando-o com sofreguidão. O cheiro a comida, então... embora a coisa não tivesse corrido bem, pois às tantas agachou-se de repente e vomitou no passeio – levou um grande tabefe do pai que, enquanto olhava para todos os lados ainda lhe atirou com a perna. Grande pontapé no rabo!

Chegou-se à mãe, que olhava desconfiada.

– Qu'ê que queres? – perguntou-lhe enquanto lhe apontava a bengala.

– Ora, comer. Estou cheio de fome. Ainda hoje não comi nada e o sol já está a cair para a montanha!

– Comes logo à noite. E agora vai brincar.

– Não vou – gritou Josué. – Quero comer e não me apetece brincar.

– Ai é? Vou já chamar o teu pai.

Josué deu um grito e girou rapidamente, olhando para os pés inchados. Deu consigo a caminho do riacho, onde costumavam brincar.

Enquanto caminhava, ondulando e cheio de dores, engolindo em seco, arrotando, olhava para a paisagem que, desde que se lembrava, continuava a mesma de sempre: barracas de madeira e lona suja, latas velhas e folhas secas rastejando e voando como os mosquitos que invadiam tudo. O pior, pensava Josué, ainda são os mosquitos. Que bandidos! Porque é que nem de noite o deixavam... Olhou para as picadas sobre o seu corpo negro e, de repente, o que lhe apeteceu foi

coçar-se: isso aliviou-o e, enquanto chupava os dedos com sangue, chegou ao riacho.

Ainda assim, a serra lá ao fundo era bonita. Era a única coisa que, para além das galinhas e cães que por ali conviviam, lhe agradava. Mas estava muito longe.

E Luanda também... Havia lá autocarros, restaurantes, gente bem vestida. Viu também muita gente como a mãe e o pai, muitas bengalas, pernas e braços a escorrer sangue mas isso, deviam ser os do musseque, como ele, que para lá iam de passagem.

Estacou antes de chegar ao ribeiro e sentou-se. Estava calor e começava a percorrê-lo aquele suor de que não gostava porque lhe chegava às arranhadelas da comichão. Sentou-se triste. Tinha 14 anos e não sabia ler. Não havia escola no musseque e ele queria saber ler, queria estudar e um dia, talvez, até pudesse ir à universidade... Esse desejo aumentava e tornara-se um vendaval de confusão na sua cabeça, a partir do dia em que, à socapa, escondido, começou a ouvir a rádio na taberna. Ouvia coisas que o confundiam. Mas já chegara a uma conclusão: o mundo era muito grande e havia muitos meninos que todos os dias comem, vão à escola, têm brinquedos e de certeza que não andam naquele mau cheiro, lixo e mosquitos que o rodeavam, nem têm os dedos com sangue por causa da comichão.

Levara uma tarefa, a meias do pai e da mãe, quando tempos antes dissera que queria ir para a escola.

— Tu sabes onde fica Luanda? — gritaram-lhe um e outro. — Como queres ir? A pé? A gente vai ver se te arranjam para trabalhares nalguma obra e então podes ficar por lá, que depois vamos lá visitar-te.

Nunca mais lhe disseram nada. E Josué deixava sempre a nova

reclamação na boca, com receio de mais uma tarefa e jejum do pão à noite.

Foi para o riacho: cheirava mal, mas já lá estavam mais meninos e meninas, galinhas e cães. Brincaram, com a montanha ao fundo — eram bonecas, carros e espadas inventadas com bocados de madeira e paus. Anoitecia quando Josué regressou a casa.

“Luanda ficará para lá da montanha?”, pensava.

2

— Bom dia, senhor arquitecto, como está?

O coração deu-lhe um pulo, porque se apercebeu que ia falar sozinho.

— Ah! Bom dia D. Lurdes, estou bem, obrigado. — pensando: “Esta chata tem que me aparecer sempre que não é desejada. Se calhar vai a gozar porque me ouviu falar com o vento!”

Estugou o passo e deu um traque (andava com muitos gases ultimamente) — “Este é para ti, minha vaca!” Deu uma biqueirada numa garrafa vazia que fugira do caixote do lixo e foi bater no vidro de um carro próximo. “Isto está a começar bem”, pensou, enquanto apressava o passo, não fosse alguém ter visto.

O dia ameaçava chuva mas estava quente, e isso incomodava-o.